termediação. Com efeito, grande quantidade de EGFs vem sendo realizada e, caso não ocorra nenhuma melhora substancial no mercado, a transformação em AGFs ocorrerá maciçamente.

Ao que tudo indica, a safra do Centro-Sul deverá situar-se no intervalo estimado pela CFP, entre 1,445 e 1,475 milhão de toneladas, ou próximo a ele. Isto assegurará o abastecimento do produto até o ingresso da segunda safra, cuja avaliação seria, hoje, prematura. Deste modo, parece difícil uma recuperação dos preços do produto no futuro próximo o que, pelo menos, poderá servir como estímulo à retomada do crescimento do consumo.

MILHO

Nova produção recorde e possíveis novos problemas

A avaliação feita em dezembro, pela CFP, com base em dados coletados em novembro, levou a uma estimativa de produção de milho da ordem de 22,85 milhões de t, provenientes da região Centro-Sul*, para a safra 1981/82. Até o momento, esta estimativa permanece válida e dificilmente será reavaliada para menos, a não ser que a estiagem no Sul do país provoque danos irreversíveis. No entanto, como o desenvolvimento das lavouras vem sendo considerado excepcional, tal possibilidade ainda parece distante.

Deste modo, supondo-se que a produção das regiões Norte e Nordeste venha a ser, pelo menos, igual ao montante obtido no ano passado (cerca de 700 mil t), o país estará em vias de obter novo recorde de produção do cereal. Neste caso, considerando-se o estoque remanescente de 1,7 milhão de t (posição de 1º/11/81), ter-se-ia uma disponibilidade do grão, na corrente temporada, de cerca de 25,3 milhões de t, ou 6,3% acima da quantidade disponível em 1981.

Parece, então, que as dúvidas ocorridas no início do plantio, quanto à feliz consecução da safra, devido ao atraso motivado pela estiagem, não tiveram maior fundamento. Como era esperado, a região Centro-Sul apresentou uma expansão da área cultivada com o cereal da ordem de 4,3%, em resposta ao incentivo governamental para o cultivo do cereal na presente safra. Tal incentivo resultou num aumento de área em regiões em que a gramínea compete com a soja, e, entre as lavouras de verão, apenas o feijão das águas registrou maior incremento em sua área de cultivo.

Em nível estadual, a expansão da área cultivada com o cereal foi, em média, de 1,5% para Santa Catarina, 2,5% para Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Goiás, de 5% para o Paraná e o Rio de Janeiro, de 7,5% para o Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, e de 20% para o Mato Grosso. Em suma, neste ano-safra, o milho beneficiou-se não só da retração da área plantada com a soja no Paraná (-5%), no Rio Grande do Sul (-5%) e em São Paulo (-7,5%), como, também, na diminuição da área plantada com o arroz no Mato Grosso (-10%), no Paraná (-7,5%), no Mato Grosso do Sul (-20%) e em São Paulo (-2,5%). Na verdade, tudo leva a crer que a opção pelo milho deu-se muito mais em função da situação relativamente mais desfavorável do mercado dos outros produtos (à exceção do feijão) do que propriamente devido aos preços praticados no mercado do cereal, na época do plantio da safra ora em curso. A título de exemplo, em julho passado, o preço médio real recebido pelo produtor paranaense era de 27,9% inferior ao de um ano antes.

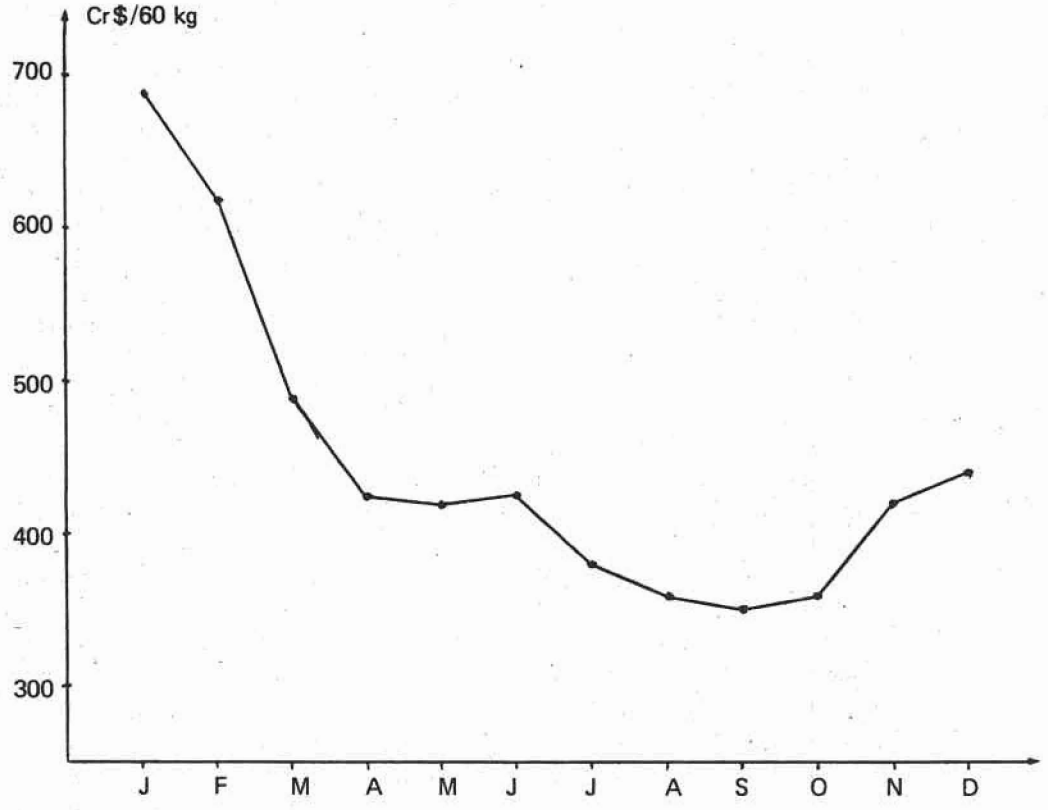
Conforme pode ser apreciado no Gráfico 1, à exceção do último trimestre do ano passado, os preços reais recebidos pelo milho no Paraná sofreram erosão acentuada, só se aquecendo ligeiramente nos últimos meses. Esta última fase ocorreu em função da recuperação sazonal da avicultura, principalmente, e do seu efeito sobre o baixo nível dos estoques das indústrias, que optavam por não armazenar o grão, devido ao alto custo financeiro que tal operação representaria.

Também não resta dúvida de que o governo procurou, na medida do possível, fortalecer o milho como o carro-chefe da produção brasileira

COMENTÁRIOS

GRÁFICO 1

*MILHO: PARANÁ – Preços Reais*Recebidos pelos Produtores – Janeiro a Dezembro de 1981*



FONTE: DERAL/PR.
* Para janeiro de 1981 - IGP, col. 2.

de grãos no presente ano-safra, certamente em razão da sangria de divisas causada pelos déficits de suprimento que o país apresentou entre as temporadas 1977/78 e 1979/80. Outro fator seria a constante preocupação com a retirada gradual do subsídio ao trigo e a inevitável maior utilização do milho na alimentação humana.

O preço básico de Cr$ 735,00/60 kg determinado para o cereal em julho passado, embora não tenha vindo totalmente de encontro às expectativas dos agricultores, não desestimulou o plantio. Além do mais, a lavoura que lhe move maior concorrência por áreas, principalmente no Sul, a soja, perdeu muito do seu poder de competitividade, na medida em que não só seus preços de mercado encontravam-se baixos à época do plantio, como, também, tanto os novos VBC's quanto o preço básico de Cr$ 945,00/60 kg frustraram os sojicultores. Paralelamente, perdurava a perspectiva de um mercado externo francamente baixista para a leguminosa, na atual temporada.

A maior vantagem comparativa do milho na atual safra foi objeto de um estudo elaborado pelo Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria de Agricultura do estado de São Paulo*, onde são comparadas as diversas culturas do estado, relativamente à expectativa de qual seria a relação entre o preço mínimo atualizado pelo INPC à época da colheita, e o preço mínimo necessário para manter a margem remunerativa obtida pelos agricultores na safra 1980/81 (esta calculada com base nos custos operacionais e nos preços mínimos de então, levando em conta o rendimento médio obtido no estado). Presentemente, já se pode atualizar o resultado deste estudo, utilizando uma expectativa mais real quanto ao nível a que chegarão os preços mínimos da atual safra, uma vez que são conhecidos os valores do INPC de agosto a dezembro. Supondo que o INPC de janeiro chegue a 5% e, utilizando-se a linha de raciocínio do estudo supracitado, ter-se-ia que, em São Paulo, a relação *preço mínimo corrigido pelo INPC/preço mínimo para manter a margem remunerativa da safra 1980/81* deverá ser de 0,86 para o milho, 0,79 para a soja, 0,78 para o feijão, 081 para o arroz e 0,77 para o algodão.

Também como exemplo, o Quadro 1 ilustra, em nível geral, como se colocou, aos produtores gaúchos, a perspectiva de opção entre a soja e o milho, de acordo com os cálculos de custo de produção elaborados pela Fecotrigo, para o ano-safra 1981/82. É oportuno lembrar que, na região, o Rio Grande do Sul foi o estado que apresentou o aumento mais significativo da área plantada com o milho, na atual safra, devendo obter uma produção da ordem de 4,2 milhões de t, 7,4% acima da verificada no ano passado.

A partir de fevereiro, com maior concentração em abril e maio, terá lugar a colheita do cereal no Centro-Sul. Paralelamente, também a partir de fevereiro iniciar-se-á o plantio do cereal no Nordeste, cuja colheita deverá principiar no começo do segundo semestre.

Mais uma vez, o Paraná deverá posicionar-se em primeiro lugar em termos de quantidade produzida de milho, abiscoitando cerca de 25% do total esperado, embora o maior rendimento médio por hectare deva ser apresentado por Santa Catarina, que espera alcançar 2.900 kg/ha. Isto se explica pelo fato de a maioria das propriedades catarinenses produtoras de milho também possuírem criações de suínos, cujos dejetos são largamente utilizados como adubo.

Em termos de expansão da área plantada, o maior ganho deverá ficar por conta do Mato Grosso. Neste estado, a cessão de área por parte do arroz deu-se não só para a formação de pastagens mas, também, para as culturas do milho e da soja, significando um acréscimo de cerca de 20% da área plantada com milho, em relação à safra 1980/81.

Em termos de rendimento médio esperado para a região Centro-Sul, este deverá situar-se em 2.000 kg/ha, semelhante ao verificado no ano passado. Esta repetição denota uma posição muito cautelosa das autoridades governamentais, uma vez que o

* "Situação da Agricultura", julho de 1981, *in* Informações Econômicas (8-81).

QUADRO 1

RIO GRANDE DO SUL: MILHO E SOJA — Comparativo de Custos de Produção e Preço Mínimo Provável para a Safra 1981/82

Produto	Rendimento (kg/ha)	Custo de Produção (Cr$/60 kg) (A)	Preço Mínimo Provável para [3] Janeiro (Cr$/60 kg) (B)	B/A
Milho[1]	2.000	1.194,59	1.003,00	0,84
Milho[2]	3.500	1.140,00	1.003,00	0,88
Soja	1.440	1.928,93	1.290,00	0,67

[1] lavoura tradicional.
[2] lavoura mecanizada.
[3] supondo-se um INPC para janeiro da ordem de 5,0%.
FONTE: Fecotrigo.

resultado da safra de milho 1981/82 encontra-se respaldado não só em condições meteorológicas bastante favoráveis, verificadas na maioria das áreas produtoras, como também (conforme as primeiras estimativas permitem calcular) numa utilização de 60% de sementes melhoradas na atual semeadura (contra 45% no ano-safra 1980/81).

Por outro lado, um levantamento realizado pela CFP mostra que a utilização de fertilizantes, em todos os estados produtores, apresentou um forte declínio, em comparação com a safra anterior: no período entre junho e outubro do ano passado (época de plantio e início de desenvolvimento do milho), a entrega de fertilizantes nos estados do Sul, São Paulo e Minas Gerais declinou, respectivamente, 25,8%, 27,6% e 21,2%, em relação a igual período de 1980. A menor disponibilidade de recursos para a compra destes insumos acarretou uma retração generalizada de seu uso nos estados de maior produção agrícola, uma vez que, para o Centro-Sul em geral, a retração média localizou-se em 25,8%.

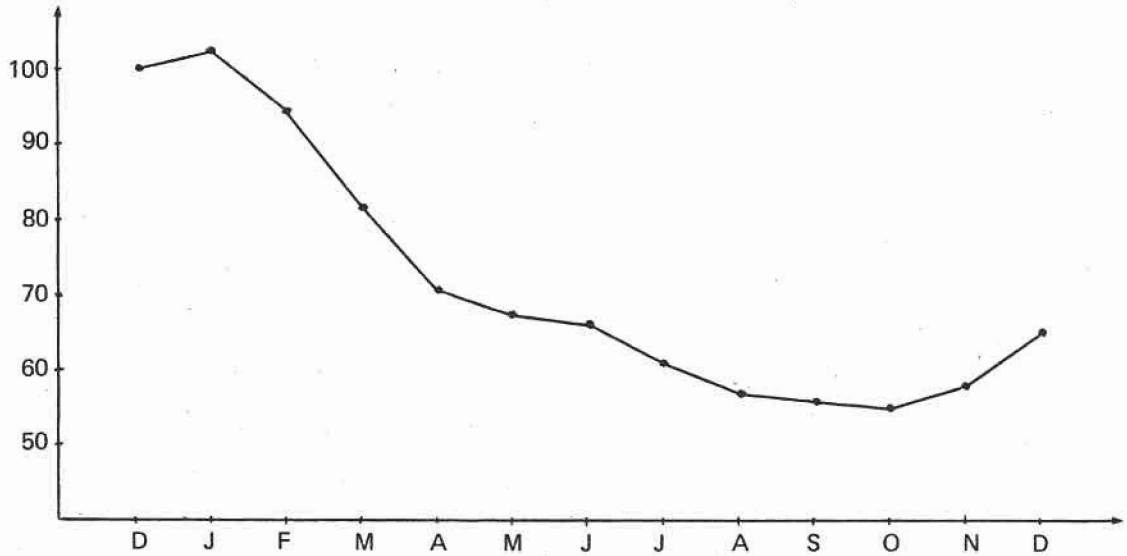
Quanto ao consumo de milho esperado na atual temporada, coloca-se, ainda, como uma incógnita, havendo disparidade entre as primeiras estimativas, que variam entre 23 e 23,6 milhões de t. Esta incerteza quanto aos números prende-se, primordialmente, ao ritmo em que se dará a comercialização do milho nos próximos meses, levando-se em conta, especialmente, a expectativa quanto à absorção do grão por parte das indústrias de rações. Estas, por sua vez, colocam-se na dependência do desenvolvimento dos setores de criação de pequenos e médios animais.

As primeiras estimativas da indústria de rações dão conta de que, no presente ano, o setor deverá apresentar um resultado melhor do que aquele de 1981, quando foi fortemente atingido, não só pela desaceleração de crescimento, tanto da avicultura, quanto da suinocultura, como, também, pela própria erosão inflacionária sofrida pelo poder de compra da maioria dos criadores. Sintomaticamente, de acordo com o Sindicato Nacional das Indústrias de Rações, em novembro passado, a produção de rações foi 20,9% inferior à de igual mês de 1980, enquanto que a produção de concentrados evoluiu 14,2%. A maior disponibilidade de milho no ano passado levou os criadores a procederem à sua mistura ao concentrado adquirido às indústrias, como forma de buscar um menor custo de produção dos animais terminados. Mesmo assim, de janeiro a novembro de 1981, em conjunto, a produção de rações e concentrados registrou um declínio de 9,4%, em relação a igual período de 1980.

Na verdade, nem a avicultura, nem a suinocultura, parecem acenar, durante 1982, com um crescimento que permita a existência de uma pressão altista sobre o preço do milho. Sendo assim, tudo leva a crer que será difícil uma ascensão real dos preços recebidos pelos produtores, durante a

GRÁFICO 2

*MILHO – REGIÃO SUL – Índices de Preços Reais*Recebidos pelos Produtores – Dezembro de 1980 a Dezembro de 1981 (Dezembro 1980 = 100)*



* IGP, col. 2 - Conjuntura Econômica.
FONTE: FGV/CEA.

comercialização da safra atual. A este respeito, vale lembrar que o preço médio recebido, em dezembro do ano passado, pelos produtores de milho do Sul do país, foi, em termos reais, 36,4% inferior à média dos preços recebidos em janeiro de 1981. O Gráfico 2 apresenta, em índices, a queda dos preços recebidos pelos produtores de milho naquela região, entre dezembro de 1980 e dezembro de 1981.

Por sua vez, as indústrias deverão manter a tendência a evitar a formação de estoques de milho, comprando esta matéria-prima de acordo com suas necessidades, em função da boa oferta esperada para o período e do custo de estocagem, que deverá permanecer elevado. Desta forma, é de se esperar que os produtores venham a obter preços próximos do preço mínimo. Este, em função de sua depreciação real, após sua fixação, no início de fevereiro, deverá afastar-se do preço de mercado, à medida que se aproximar o segundo semestre, em função do encerramento da colheita do Centro-Sul e de uma provável maior pressão de demanda por parte do Nordeste.

A conjugação de uma safra recorde a uma demanda parcialmente reprimida, na atual temporada, tem levado as autoridades governamentais a contarem com a formação de um estoque do produto de cerca de 2 milhões de t, fato inédito desde 1978. Este fato é especialmente providencial, em virtude do compromisso assumido com a URSS, para a venda de um mínimo de 500 mil t/ano de milho entre 1983 e 1986, ou seja, já a partir do próximo ano. Paralelamente, é improvável que o país venha a realizar, este ano, outras vendas ao exterior, tendo em vista a grande oferta no mercado internacional, em decorrência da safra recorde norte-americana e da gravosidade atualmente apresentada pelo produto brasileiro no mercado externo.

Permanece a incógnita, no entanto, quanto à capacidade de armazenagem condizente com a safra de grãos esperada para este ano. A perspectiva de prejuízos no nível do agricultor, durante a comercialização de seus produtos, em decorrência da precariedade da estocagem, deve ser evitada a qualquer custo, sob pena de vir a prejudicar o plantio da próxima safra. Consciente desta ameaça, o governo vem, no caso do milho, tentando dotar o sistema de EGF e AGF de maior agilidade e adequação frente à perspectiva de uma colheita recorde. Resta esperar, também, que a gerência do estoque de milho, por parte das autoridades governamentais, leve em consideração a eventualidade de quebras de produção que possam ocorrer no Nordeste, onde ainda é muito cedo para se ter clareza quanto ao resultado da safra.

SOJA

1982: ano da liberdade de comercialização. O que acontecerá?

A sojicultura brasileira apresentou, nesta safra, pelo segundo ano consecutivo, um decréscimo em sua área plantada. Dos 8,69 milhões de ha plantados em 1980/81, passou-se a uma área em torno de 8,46 milhões, ou 5% a menos.

Tal fato reflete uma mudança qualitativa no panorama da agricultura brasileira no período recente. Isto porque, nas últimas safras, a soja tem sofrido concorrência de outras culturas, como opção de plantio, fato inimaginável nos anos 70. Esta concorrência é exercida, destacadamente, pelo milho, produto tradicional de abastecimento do mercado interno, agora revestido de um novo perfil, o de insumo para a agroindústria de rações. Nessa condição, o cereal encontra uma sólida e bem estruturada demanda, capaz de estimular avanços tecnológicos na sua produção, e de dinamizar sua estrutura de comercialização, à semelhança do que ocorre com os produtos de exportação, por exemplo.

Somando-se a isso e contribuindo, também, para a diminuição da área total da soja, há uma redução no ritmo de crescimento do plantio em regiões novas, principalmente no es-